

Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira (UFMG) - emanuelle.gaf@gmail.com

Resumo:

O contexto de mudanças na sociedade da informação e do conhecimento nos convida a pensar em novas perspectivas de atuação para bibliotecário. Diversos autores da Biblioteconomia já pontuaram a importância do bibliotecário atuar como instrumento de transformação social, sendo a promoção de uma sociedade empoderada atuando democraticamente por meio do conhecimento um dos desafios para o profissional. Desse modo, apresenta-se o convite feito por R. David Lankes para os bibliotecários ao propor uma ressignificação da sua atuação. O presente trabalho tem por objetivo assinalar algumas contribuições da Nova Biblioteconomia de R. David Lankes para a atuação do bibliotecário. A pesquisa foi realizada a partir da análise da obra "The Atlas of the New Librarianship" de Lankes aliada à análise do discurso de entrevistas realizadas com bibliotecários atuantes em diferentes contextos na cidade de Belo Horizonte. Podemos concluir que uma das contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes está em nos mostrar que nenhuma habilidade ou ferramenta nos define como bibliotecários. A facilitação, a orientação e o aprendizado são tarefas que contribuem com o desenvolvimento de uma Nova Biblioteconomia.

Palavras-chave: *Nova Biblioteconomia. David Lankes. Empoderamento do bibliotecário. Empoderamento da comunidade.*

Eixo temático: *Eixo 7: Construção e identidade profissional*

1 INTRODUÇÃO

O contexto de mudanças na sociedade da informação e do conhecimento nos convida a pensar novas perspectivas de atuação para o bibliotecário. Já não cabe a este realizar somente atividades voltadas ao tratamento da informação. Nesse sentido, Duarte (2016, p. 78) critica a passividade do profissional frente às constantes mudanças pelas quais passam a sociedade contemporânea. Para a pesquisadora, os bibliotecários “permanecem imóveis esperando o próximo livro a catalogar, o próximo usuário(a) procurar, como se seu trabalho fosse por demanda (das pessoas)”.

O bibliotecário tem sido convidado a reinventar-se profissionalmente ao longo dos anos. Mukherjee (1966), Souza (1997), Vergueiro (1998), dentre outros autores, desenvolveram trabalhos salientando a importância da atuação do bibliotecário como instrumento de transformação social. No entanto, promover uma sociedade empoderada, atuando democraticamente por meio do conhecimento, é uma demanda e um desafio imposto ao referido profissional.

R. David Lankes, diretor da Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade da Carolina do Sul, publicou, em 2011, o *Altas of The New Librarianship*. Trata-se da primeira obra do autor acerca da Nova Biblioteconomia, a qual implica mais um convite para o bibliotecário reorientar sua atuação na contemporaneidade. Embora a obra tenha sido publicada em 2011, foi a partir da participação de Lankes como conferencista no XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), ocorrido em julho de 2015, que a Nova Biblioteconomia entrou oficialmente na pauta de discussões da Biblioteconomia brasileira.

Com a Nova Biblioteconomia, Lankes nos convida a mudar o foco de nossa atuação direcionada ao que ele designa "artefatos e produtos de aprendizagem" (livros, DVDs e as páginas da web) para o conhecimento humano e os processos de aprendizagem. Com efeito, sua nova proposta “[...] coloca o foco da Biblioteconomia diretamente sobre o comportamento e os efeitos dos serviços sobre o indivíduo” (LANKES, 2011, p. 23, tradução nossa). Nesse contexto, Lankes (2011) afirma que não há usuário, cliente ou consumidor, mas um aprendiz, no controle do seu ambiente e com a capacidade de moldá-lo. Não se trata, pois, de meros usuários de uma biblioteca ou qualquer outra unidade de informação, mas de parte integrada ao seu espaço, como membros fundamentais de sua comunidade. Nesse sentido, o fundamento da Nova Biblioteconomia está no fato de que os serviços das bibliotecas existem para atender às necessidades da comunidade e não para a comunidade.

Por sua vez, os livros e o prédio da biblioteca não fazem sentido se não forem utilizados. No entanto, considera-se que o simples uso destes meios não é suficiente se não possibilita às comunidades a aprendizagem e, por conseguinte, bases sólidas para melhores tomadas de decisão. Logo, torna-se de vital importância manter o conhecimento registrado e organizado - embora mesmo estes processos não sejam o suficiente para um bom desempenho profissional nos tempos atuais. Não obstante, trata-se de instrumentos para abrir um mundo de possibilidades aos componentes da comunidade. Assim, os recursos informacionais disponibilizados pelas bibliotecas, como a mídia, as páginas da web e as coleções raras serão úteis à comunidade como fonte de inspiração, educação e emergência de interações produtivas, promovendo debates e aprendizados.

Com a Nova Biblioteconomia, Lankes propõe que os bibliotecários tenham uma visão sobre Biblioteconomia que transcenda aquela relativa às ferramentas e processos de organização da informação e manutenção do conhecimento registrado. O conhecimento é construído por meio do diálogo e facilitado pelo bibliotecário, que pode

auxiliar, ou não, a participação dos componentes do conhecimento ao longo do processo.

Assim sendo, o convite para nos voltarmos ao aprendizado e à construção do conhecimento ganha destaque com o estabelecimento de uma missão para o bibliotecário, a qual seja a de “melhorar a sociedade por meio de facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades” (LANKES, 2011, p. 13, tradução nossa). Lankes (2011) salienta que o maior patrimônio que qualquer biblioteca possui é o profissional:

“Esse é o poder de ser um bibliotecário. Olhar para as pessoas e não como problemas, mas como membros em necessidade - na necessidade de serviços, suporte e alfabetização. Mas em última análise, na necessidade de poder. O poder se sustentar e viver uma vida digna. O poder de criar e aprender, e não simplesmente para sobreviver” (LANKES, 2011, p. 80, tradução nossa).

Ademais, uma vez que comumente repetimos que “informação é poder”, no contexto dessa discussão, torna-se igualmente relevante o empoderamento do indivíduo, a fim de contribuir com a melhoria da comunidade. Desse modo, o bibliotecário assume o papel de facilitador na construção deste empoderamento. Com efeito, este profissional precisa se reconhecer como ativo no processo de construção do conhecimento, isto é, por meio da facilitação, do diálogo e da motivação dos membros para a participação no processo.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar contribuições da Nova Biblioteconomia proposta por Lankes para a atuação do bibliotecário brasileiro.

2 MÉTODO DA PESQUISA

O presente trabalho foi realizado a partir da análise das obras de Lankes (2011, 2016). A ideia inicial do texto, assim como do título do presente trabalho, corresponde à palestra proferida durante a IV Semana do Bibliotecário, realizada pela Biblioteca Professora Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a 21 de março de 2019.

Aliado ao texto da palestra, o presente trabalho utilizou dados de uma pesquisa desenvolvida com bibliotecários, na qual se analisou a partir das respostas às questões propostas, principalmente, a concepção dos profissionais acerca de sua atuação profissional (ver FERREIRA, 2016). Esta análise baseou-se na entrevista de 9 (nove) bibliotecários atuantes em diferentes locais de trabalho na cidade de Belo Horizonte. As identidades dos entrevistados e de seus locais de atuação foram preservadas, sendo mencionadas como Bibliotecário 1, Bibliotecário 2, Bibliotecário 3, conforme a ordem em que foram entrevistados.

3 RESULTADOS

Dentre os resultados obtidos com a realização das entrevistas com os bibliotecários, destacamos, a seguir, alguns tópicos abordados no tocante à atuação destes profissionais.

Alguns entrevistados enfatizaram que o que faz uma biblioteca crescer é o posicionamento proativo do bibliotecário, que deve ter iniciativa e empenho. Assim, os bibliotecários são os responsáveis pelo impacto social da biblioteca. De qualquer maneira, embora o posicionamento proativo do bibliotecário tenha sido destacado, há ainda uma ideia de que o “dever fazer” parte da biblioteca. Ainda se espera muito destes espaços, quando, na realidade, a ação por trás da instituição biblioteca origina-se dos profissionais que nelas atuam.

Os entrevistados apontaram que o bibliotecário costuma se sentir mais confortável ao desempenhar atividades operacionais. Neste sentido, evidenciou-se uma preocupação com a imagem voltada para as ferramentas das quais o bibliotecário dispõe, reforçando restritivamente, por exemplo, a função deste profissional como catalogador, em detrimento de sua atuação global em outros sentidos. Nesse aspecto, Lankes (2011, 2016) alerta que quando os bibliotecários se definem a partir de sua função ou das ferramentas que utilizam, e assim prescindindo de sua missão ou impacto na comunidade, qualquer proximidade se torna ameaça ou concorrência. Assim, a título de exemplo, a *Google* torna-se uma ameaça porque não usa catalogação descritiva e alguns bibliotecários a rejeitam, e a *Amazon* torna-se uma concorrente porque fornece livros - e o que é "pior" -, sem emprestá-los (LANKES, 2016).

Por outro lado, conforme podemos ver na fala abaixo, há a noção de que os bibliotecários devem se aproximar das comunidades:

"Transpassar essa ideia de que bibliotecário fica catalogando e classificando, mas eu não sei se essa ideia é tanto do lado de cá ou se é uma ideia que se tem da gente. [...] Cada vez mais essa disposição do bibliotecário, essa apresentação, essa **aproximação do bibliotecário com as comunidades**, com o leitor que esteja dentro da biblioteca isso vai mudar mais. Mas ainda é um desafio para muitas instituições. E uma vez que você já está perto do leitor, o desafio é ouvi-lo" (Bibliotecário 3, grifo nosso).

Conforme foi constatado, a maioria dos entrevistados assinalara que o bibliotecário é um mediador por natureza e que faz parte do papel social deste profissional garantir o direito ao conhecimento. O Bibliotecário 7 vai além ao destacar a importância da interação e da predisposição afetiva e relacional do bibliotecário em relação as pessoas. Na concepção da Nova Biblioteconomia, a interação e o diálogo são fundamentais para a criação do conhecimento pela comunidade, haja vista a grande influência exercida pela Teoria da Conversação na Nova Biblioteconomia de Lankes.

"Acho que os bibliotecários são os mediadores, por excelência! E **para isso é preciso interação**. Bibliotecários que não gostam de pessoas terão grandes dificuldades em exercer sua profissão, verdadeiramente" (Bibliotecário 7, grifo nosso).

"O fundamental é esse, sem distinção de pessoas e de uma forma adequada. **Preservação do direito do cidadão ao conhecimento**, esse é o papel social, de garantir que isso aconteça de alguma forma" (Bibliotecário 6, grifo nosso).

Outrossim, ao longo da entrevista, os bibliotecários pontuaram como demanda social do bibliotecário a organização da informação, a leitura, e a facilitação do acesso à informação pela mediação. Ao analisarmos cada demanda mencionada individualmente, podemos afirmar que estão relacionadas ao acesso, mesmo que indiretamente. No entanto, o acesso é tratado por Lankes (2011) como um meio, pois a ênfase da ação deve ser concentrada na criação do conhecimento. Para o autor, as bibliotecas se preocupam mais com o como providenciar o **acesso ao conhecimento** do que com o ajudar a sua comunidade a **criar o conhecimento** (LANKES, 2016). Assim sendo, mais importante do que dar acesso é possibilitar que este contribua para a construção do conhecimento, principalmente por meio da conversa.

4 DISCUSSÃO

Ser um bibliotecário vai muito além de uma coleção de habilidades e tarefas. Nossa identidade não se baseia no ato de catalogar, mas de como vemos o mundo e determinamos se devemos ou não catalogar (uma função) (LANKES, 2011,

2016). No contexto da Nova Biblioteconomia, os bibliotecários estão em uma missão para melhorar a sociedade por meio da facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades. Com o estabelecimento da missão, Lankes (2011) chama a responsabilidade pessoal para o indivíduo. Não se trata de uma missão da instituição, trata-se da missão do profissional. Assim, não importa se um bibliotecário trabalha em uma biblioteca ou em um hospital, em um escritório de advocacia ou empresa de mecanismos de pesquisa, sua missão é o que deve guiá-lo.

O estabelecimento desta se dá, sobretudo, porque com o tempo as visões funcionais não capturam (e não podem capturar) a natureza dinâmica do mundo. Basear a atuação do bibliotecário restritamente no ato de informar e organizar informação tende a levar à estagnação e à incapacidade de se adaptar. Desse modo, a visão da Nova Biblioteconomia está alicerçada em resultados e aprendizado e em uma teoria de como as pessoas aprendem, denominada Teoria da Conversação, de Gordon Pask. De outra maneira, conforme defende Paulo Freire, é impossível construir conhecimento sem estabelecer relações interpessoais.

É preciso saber ouvir, ou seja, saber como ouvir uma criança negra com a linguagem específica dele ou dela, com a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias que são basicamente oprimidas (FREIRE, 2001, p. 58).

Tal como o educador vislumbrado por Freire (2001), o bibliotecário deve atentar-se para a importância de saber conversar com diversas culturas, pois o diálogo implica a interlocução entre diversos saberes, de maneira democrática e respeitosa, com vistas à facilitação e à construção do conhecimento pela comunidade. Daí a importância do bibliotecário atuar, também, como parte da comunidade.

No entanto, existem muitas profissões que compartilham um interesse pela criação de conhecimento. Da mesma forma, existem muitas profissões que acreditam poder contribuir para a melhoria da sociedade.

Neste momento é importante nos questionarmos sobre como os conceitos de conhecimento, comunidade, facilitação e melhoria se articulam para formar um bibliotecário. Os valores perduram, enquanto as habilidades vêm e vão. Nossas habilidades são um meio e não um fim. Contudo, não devem ser ignoradas. Lankes (2011) trabalha com categorias amplas de habilidades: 1) Competências: abordagens amplas e duradouras para cumprir nossa missão, como acesso, conhecimento e motivação; 2) Habilidades: meios menos amplos e menos duráveis de cumprir as competências, como a organização da informação; 3) Tecnologias e técnicas: meios e processos específicos empregados nas habilidades, os quais mudam frequentemente. Neste ponto ressaltamos que por mais que as ferramentas sejam vistas como categorias secundárias, Lankes (2011) não descarta sua importância na atuação do bibliotecário. O autor lembra-nos de que estamos no negócio do conhecimento, mas ainda vivemos na era da informação, o que implica a percepção de que o conhecimento das tecnologias digitais nos permite alcançar as comunidades e interagir com elas, além do que os meios de facilitar conversas estão cada vez mais "se digitalizando".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o bibliotecário deve ser aquele que luta por cidadãos informados, como parte necessária à democracia, e, igualmente, um facilitador habilidoso que ajude estudantes, professores, empresários e políticos a tomarem melhores decisões. É este profissional quem faz as coisas acontecerem. É este o responsável final pelo impacto

da biblioteca. Desse modo, a busca incansável dos bibliotecários deve ser a de inspirar e informar a comunidade para torná-la cada vez melhor.

Nessa perspectiva, uma das contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes está em nos mostrar que nenhuma habilidade ou ferramenta nos define como bibliotecários. Mas, sim, o faz a missão acompanhada de uma visão de mundo crítica. Com o tempo, as ferramentas de hoje desaparecerão, e as habilidades que nós atualmente prezamos evoluirão, mas a missão, esta permanecerá. Com efeito, o trabalho do bibliotecário também ganhará novas possibilidades.

Finalmente, ressaltamos que há por parte do profissional a certeza da necessidade de mudanças, mas quem estará disposto a mudar e a ressignificar sua atuação? Exercer uma Nova Biblioteconomia não é uma utopia, é possível. E assim como tantas outras profissões possuem sua responsabilidade social, contribuir com o empoderamento das comunidades por meio da facilitação do conhecimento é atribuição do bibliotecário. Por sua vez, este não precisa ser “um Super Herói” para cumprir sua missão na sociedade. Basta fazer o seu trabalho. Os melhores dias da Biblioteconomia estão à nossa frente.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Yacira Mendes. A sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da biblioteconomia social. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2016.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

LANKES, R. David. **The atlas of new librarianship**. Cambridge: MIT Press, 2011.

LANKES, R. David. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. São Paulo: FEBAB, 2016.

MUKHERJEE, A. K. **Librarianship: its philosophy and history**. Bombay: Asia Publishing House, 1966.

SOUZA, Francisco das Chagas. Formar bibliotecários para a transformação. In: SOUZA, Francisco das Chagas. **Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários: Biblioteca Universitária da UFSC, 1997. p. 49-58.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro S. Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 16, n. 2, p. 207-215, jul./dez. 1988.